

SEARA nova

JUNHO 1968
PREÇO 6500
NÚMERO 1472

DIRECTOR
ROGERIO FERNANDES
EDITOR
JULIAO QUINTINHA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

BENTO
DE
JESUS
CARAÇA

no 20^o
aniversário
da sua morte
PRESENÇA
E
ACTUALIDADE



seara nova

Revista de Doutrina e Crítica

ANO XLVI — N.º 1472

Antigos Directores:

RAUL PROENÇA (1921-41)

CÂMARA REYS (1921-61)

AUGUSTO CASIMIRO (1961-67)

SUMÁRIO JUNHO 1968

NO VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE BENTO DE JESUS CARAÇA 182

depoimentos de Manuel Mendes, Prof. Fernando Fonseca, Prof. Sebastião e Silva, Joaquim Jacobetty, Abel Manta F. Keil de Amaral, José Gomes Ferreira, A. M. Sá da Costa, Manuel Rodrigues de Oliveira, Alberto Pedroso e Prof. Ruy Luís Gomes

DOIS INÉDITOS 193

por Bento de Jesus Caraça

SUBSÍDIOS PARA A BIBLIOGRAFIA DE BENTO DE JESUS CARAÇA 194

por Alberto Pedroso

A AGRICULTURA E O CIEN- TISTA POLÍTICO 196

por R. Bicanic

A NIGÉRIA EM FOCO 200

por Amílcar Silva

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA DO TEATRO 204

por Luís de S. Monteiro

CRÍTICA DE LIVROS 208

por José Saramago

CRÍTICA CINEMATOGRAFÍCA 209

por M. M. da Luz

CRÍTICA DE ARTES PLÁSTICAS 214

por Lima de Freitas

FACTOS E DOCUMENTOS 215

O DESPORTO «PURO» EM CAUSA 216

por Fernando Correia

Proprietária e Editora: Empresa

de Publicidade SEARA NOVA

Redacção e Administração:

R. LUCIANO CORDEIRO, 103, 1.º

Telef. 5 13 02 — LISBOA

Composição e Impressão:

Gráfica Santelmo, Lda.

Rua de S. Bernardo, 84 — Lisboa

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE E ILHAS

6 números: 30\$00; 12: 60\$00

Para estudantes e trabalhadores:

6 números: 25\$00; 12: 50\$00

ULTRAMAR

Número avulso: 7\$00

12 números: 70\$00

ESTRANGEIRO

Número avulso: 8\$50

12 números: 85\$00

PREÇO DESTES NÚMEROS: 6\$00

Distribuidores no Porto:

LIVRARIA DIVULGAÇÃO

SAI TODOS OS MESES

NO VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO

DA MORTE

DE BENTO DE JESUS CARAÇA

VÃO decorridos vinte anos sobre a morte de Bento de Jesus Caraça, e evocar a sua memória, para quantos tiveram o privilégio de com ele conviver, ou do seu admirável exemplo algum outro ensino hajam recebido, é ainda, ao fim de tanto tempo passado, sentir como a presença do homem extraordinário e benigno se continua num sério rasto de vida. Nem tudo, valha a verdade, a morte tem o condão de arrastar consigo, submerso em silêncio, afogado no esquecimento. O homem inolvidável, pela fraternal simpatia, na tão enérgica e comunicativa afirmação da personalidade, deslumbra-nos ainda hoje, a acompanhar os nossos passos, nesta aventura do mundo, como uma boa sombra tutelar. A índole generosa e o modo persuasivo de intervir, mercê de quanto nele podia a inteligência e o coração, fizeram-no empenhar-se, no seu compromisso humano, com vigor actuante e lúcido, para demais veemente, embora contido na regra de um raciocínio a que não faltou o contagiante entusiasmo e a perspicácia salutar do senso crítico.

A aliança da razão e do sentimento — força primordial da vida, encanto e promessa do mundo, sortilégio de amor e compreensão — atingira nele estímulo perseverante e sopro de inabalável alento, no mais elevado grau de acuidade e sensível apreensão, pelo modo como se devotou, animoso e inteiro, à consciência do seu dever humano, que tudo o mais suplanta. Filho de trabalhadores rurais, que nem por intento nem por actos renegou a sua origem, a hombridade — e não haverá palavra que porventura melhor o defina — radicou-se nele pela forma como se distingue, em toda a evidente força, a mentalidade e o comportamento do homem civilizado. Assim foi, quer na empenhada e manifesta devoção à cultura, quer no poder persuasivo do entendimento e

do convivente diálogo, ou quer, sobretudo, no exacto escrúpulo das responsabilidades irrecusáveis que sabia ter assumido pelo simples facto de viver.

Desde a figura sedutora, insinuante, de trato lhano e doce mansuetude, a transparecer na agudeza do sorriso cálido, afectuoso e ao mesmo passo de tão fina e incoercível ironia, à exemplaridade do seu comportamento austero e simples, tudo eloquentemente nos esclarecia sobre o homem de alma estreme, embora convicto e cioso da sua inteireza, que a arraigada paixão pela cultura, no mais lato significado, tão representativamente completava. Haviam-no ferido e impulsionavam-no as preocupações e tendências dominantes do nosso tempo, o que, para os homens de consciência, ora e sempre subsiste, no consenso da vida que nos cumpre, havendo porventura de aceitá-la e querer-lhe, mais pelas obrigações que lhe são inerentes, do que acaso pelos benefícios e prerrogativas que é de óbvio direito reivindicar. A este aberto campo de luta o trouxe, com efeito, o dever insofismável de homem vinculadamente devotado à cultura, quer por dever do ofício, quer por vocação, na consciência interventora do seu encargo.

Quem com ele conviveu, ou apenas dele se abeirou, pôde fruir a lição inflexível dessa inequívoca hombridade, que embora nascida de dom natural, a enriqueceu um assíduo trabalho de meditação, na incansável pesquisa dos valores fundamentais para todo o conceito, amadurecida ao esforço tenaz e sofrido da verdadeira compreensão, o que mais eleva o homem às alturas da dignidade da sua sempre renovada promessa, mercê da imprescindível convivência e fraternização, seja em que plano for e duras embora as circunstâncias. A vida nem em tudo é um mar de rosas, e

a senda que trilhou foi por vezes amarga, mas não sombria, alumiada ao esplendor da inteligência, que em sua fundada esperança os triunfos da razão sabe prever.

Nascera e envelhecia com o século, quando prematuramente a morte o levou, longe de completar os cinquenta anos, e quando tanto havia ainda a esperar da sua fecunda e edificante intervenção na vida cultural portuguesa. No momento em que abriu os olhos para a consciência do mundo, em plena mocidade, findava a primeira grande guerra mundial, que com o atraso de quase duas décadas dir-se-á a conclusão de todo o esforço renovador e de toda a luta feraz do prodigioso século que nos antecedeu. Dava-se uma séria viragem no mundo e ele formara a sua mentalidade e fizera a sua tomada de consciência ao sopro desses ventos, em dias de esperançosas perspectivas, que, mau grado estorvos e infortúnios, os acontecimentos não haviam de todo em todo desmentir. Pertenceu a uma geração, da qual foi figura eminentemente representativa, que no mundo se empenhou em estabelecer os fundamentos de um novo Humanismo emancipador, a que se deve, incontestavelmente, quanto de verdadeira e funda raiz humana se tem realizado nos nossos convulsos tempos.

Decerto, muita desilusão quebrou os ânimos e ofuscou a esperança, em horas bem negras. Transes e vicissitudes, sobressaltos e adversidades, a momentos pareciam apostados em negar a razão. É isto de sempre. A sua atitude, porém, mantinha-se inabalável. Ante um desses actos de desistência, ou de renúncia, diria ele: «Tudo isto fez que se amortecessem alguns entusiasmos das primeiras horas. Que importa? é essencial que tenham existido! Mas foram mais algumas ilusões perdidas, dir-se-á. Não. As ilusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir; perdidos são aqueles períodos da história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta, sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída uma sombra uniforme sobre o pântano estéril da vida sem formas.

«Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande, que nos ultrapassa e nos requer. Sem ilusão, nada de sublime teria sido realizado, nem a Cathedral

de Estrasburgo, nem as sinfonias de Beethoven. Nem a obra imortal de Galileu.»

Eis, em curtas linhas, a sua confissão de homem, cujas virtudes se revelavam com flagrante evidência no trato de cada hora, como se revelam na sua projecção. E este comportamento mental, moral e cívico, soube ele transferi-lo, graças à extraordinária vocação didáctica, para o plano da sua notabilíssima actividade docente, como do publicista e até por vezes do empenhado contendor de ideias, as quais sempre procurou amar em pureza e rigor. De intransigente severidade para consigo próprio — e nisso residiu muito da sua sedução —, usou sempre de compreensiva tolerância para com os outros, dando ao diálogo um intento suasório, que nem por isso foi menos pertinaz. A verdadeira força dialéctica faz, impreterivelmente, o contendor de boa fé. Daí o lúcido e quente ensino da sua aula, na intervenção assídua e para mais multimoda do combate cultural que travou, desde a cátedra de professor universitário, onde o seu nome se consagrou, a uma obra de vasta divulgação de conhecimentos e ideias, à qual decidiu entregar-se num esforço actuante.

No campo da actividade didáctica, não se confinou à regência das disciplinas que por obrigação de officio brilhantemente professou — estabeleceu escola e promoveu iniciativas de importância fundamental para o ensino. Com os professores Mira Fernandes, que fora seu mestre, e Caetano Beirão da Veiga, fundou, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, o Centro de Estudos de Matemáticas Aplicadas à Economia, como fundou também, com outros investigadores da espe-

cialidade — António Monteiro, Hugo Baptista Ribeiro, José da Silva Paulo e o malogrado Manuel Zaluar — a «Gazeta de Matemática». Simultaneamente, criou e dirigiu a «Biblioteca Cosmos», na qual se publicaram cerca de uma centena de volumes de divulgação cultural, trazendo, mercê da autoridade do seu nome, colaboração de algumas das mais destacadas figuras do nosso meio intelectual, tanto científico, como literário e artístico. Durante anos consecutivos, presidiu à Direcção da Universidade Popular Portuguesa, onde desenvolveu, com Ferreira de Macedo, uma acção cultural a todos os títulos meritória, vincada do mesmo cunho de esclarecida e séria mentalidade.

Basta percorrer os títulos da sua bibliografia, para logo fazermos ideia exacta das preocupações e actividades fundamentais do seu espírito, que inteiramente nos informam sobre a índole e o comportamento do homem em verdade excepcional. Para quem escreve estas linhas, Bento de Jesus Caraça foi um amigo querido, um companheiro inolvidável, e, dada embora a pequena diferença de idade, um mestre de eleição, cujo exemplo jamais esquecerá e cujo convívio, cimentado em bom affecto e no hábito do permanente diálogo, ainda hoje se prolonga pela tão viva lembrança. O sentimento de fraternal amizade persiste, como o respeito pelo seu comportamento e pelo fulgor da sua capacidade ideológica. Os vinte anos que passaram sobre a morte deste homem de excepção, nada conseguiram apagar, antes tornam mais vivas certas recordações, que nos momentos de desânimo se ouvem como um apelo instigador.

MANUEL MENDES

PROF. FERNANDO FONSECA:

«...um grande orador, como os maiores que conheci pela vida fora.»

RECORDAR o prof. Bento Caraça é rever um passado quase longínquo. Quando do nosso primeiro encontro, eu era um jovem médico em quem os doentes, desesperados, viam, injustificadamente, alguém capaz de os curar ou melhorar. O prof. Caraça casara em primeiras núpcias com a filha do dr. Sena, do Liceu

Pedro Nunes, que não fora meu professor, mas que me merecia o respeito e admiração que se devem a um professor simples, competente e justo. Fui chamado certo dia para ver sua filha, atacada de doença pulmonar gravíssima e incurável naquele tempo. No desespero de nada poder fazer de útil,

confesso que a minha atenção não ficou senão a presença de um pai aniquilado pelo desgosto e de uma jovem agonizante. Mais tarde, soube o que Bento Caraça sofrera nesse transe e lamentei não ter adivinhado que estivera junto de um homem de excepcional envergadura e de uma bondade invulgar. Tive ocasião de apreciar depois esses dotes pelo convívio que mantive com Bento Caraça, quase sempre na presença de mestre Pulido Valente, que era seu grande amigo e médico assistente. Foi então que avaliei o valor do professor, a bondade do homem e a firmeza de carácter do cidadão. Soube como os alunos o apreciavam, os discípulos que criou e admiravam, e não ignorava as amizades e dedicações que conquistou pela vida fora.

Por alturas de 1946, alguém pensou em promover sessões públicas em que fossem tratados assuntos de interesse geral para o País. A primeira e única realizou-se no salão da Voz do Operário e nela participaram individualidades ilustres, entre as quais me cumpre destacar o notável escritor Ferreira de Castro e o prof. Azevedo Gomes. Fiz, com o prof. Caraça, parte do elenco da companhia, ele

ocupando-se do problema da instrução e eu do da assistência. Bento Caraça, de estatura entre pequena e mediana, estava sentado a meu lado, de cabeleira loira solta, o que o levava a afastar com frequência o cabelo que lhe caía sobre a frente, levemente dobrado para a frente. A assistência, numerosíssima e variada, onde havia desde médicos e advogados a simples operários, recebia com aplausos entusiásticos cada novo orador, mas a saudação a Bento Caraça foi mais calorosa e demorada. Confesso que aguardava com curiosidade o seu discurso, mas não calculava que atingisse nível tão elevado. Verifiquei que era um grande orador, como os maiores que conheci pela vida fora. Articulação perfeita, inflexão variável consoante o efeito que pretendia tirar, pausas bem medidas, expressões adequadas e gestos comedidos. Foi um verdadeiro espectáculo de arte, que dificilmente se esquece. Quando acabou, os aplausos foram intermináveis. Foi com grande modéstia que agradeceu as minhas felicitações.

Um pouco antes destes acontecimentos, tive a oportunidade de colaborar com o prof. Caraça na sua obra de divulgação feita atra-

vés da colecção «Cosmos». Dois dos meus melhores colaboradores, o prof. Manuel Pinto e o dr. F. de Castro Amaro, publicaram nessa colecção dois volumes em que se ocupavam das doenças infecto-contagiosas e para as quais eu escrevi um longo prefácio. A doença do prof. Bento Caraça caminhava a passos largos e a sua actividade era cada vez mais limitada. Os cuidados do nosso mestre Pulido Valente não podiam prolongar por mais tempo um equilíbrio cada vez mais difícil de sustentar. Em certa altura, tal como fizera quando foi da doença de sua mãe, mestre Pulido chamou os discípulos que melhor conheciam o doente e a doença, o prof. Oliveira Machado e eu, e encarregou-nos de, sem a sua presença, observar e tratar o prof. Caraça, se tivéssemos possibilidades de o fazer. Recordo a visita que lhe fizemos, a situação desesperada em que ele se encontrava e a serenidade admirável com que suportava o seu grande sofrimento, procurando apresentá-lo como um mal apenas inconveniente. E, com a maior dignidade, deu o último passo da vida, quando percorrera apenas pouco mais de metade do caminho.

PROF. SEBASTIÃO E SILVA:

«Pela primeira vez a matemática surgia aos meus olhos como edifício inteiramente racional»

CUMPRE-ME reconhecer que, embora não tenha sido meu professor na acepção vulgar do termo, Bento Caraça exerceu influência muito acentuada na minha formação, quer científica, quer didáctica. Foi por altura do primeiro ou segundo ano da minha licenciatura na Faculdade de Ciências de Lisboa que tive ocasião de ler parte do seu livro «Lições de Álgebra e Análise». E devo confessar que essa leitura foi para mim uma revelação. Pela primeira vez a matemática — apresentada por alguém que vivia a sua profissão com alma de apóstolo e de artista — surgia aos meus olhos como edifício inteiramente racional, ao mesmo tempo harmonioso e cristalino. (Note-se que estou a tentar descrever, com

a possível objectividade, o que eu sentia, na minha posição de aluno, em 1933-34; é preciso não esquecer que a matemática tem evoluído rapidamente nos últimos 30 anos, e que todo o juízo de valor acerca de uma obra daquela época, para ser justo, tem necessariamente de levar em conta uma tal evolução). Mais tarde pude verificar que, nas suas aulas, Bento Caraça superava a exposição escrita, por uma virtuosidade *sui generis* de transmissão, a que não era estranha a aura de simpatia que irradiava da sua presença. Fosse como fosse, a verdade é que todos os seus alunos, até os mais avessos à matemática, o ouviam com encanto; por vezes, a sala era demasiado pequena, para conter alunos de outras escolas, que

vinham avidamente assistir às suas lições.

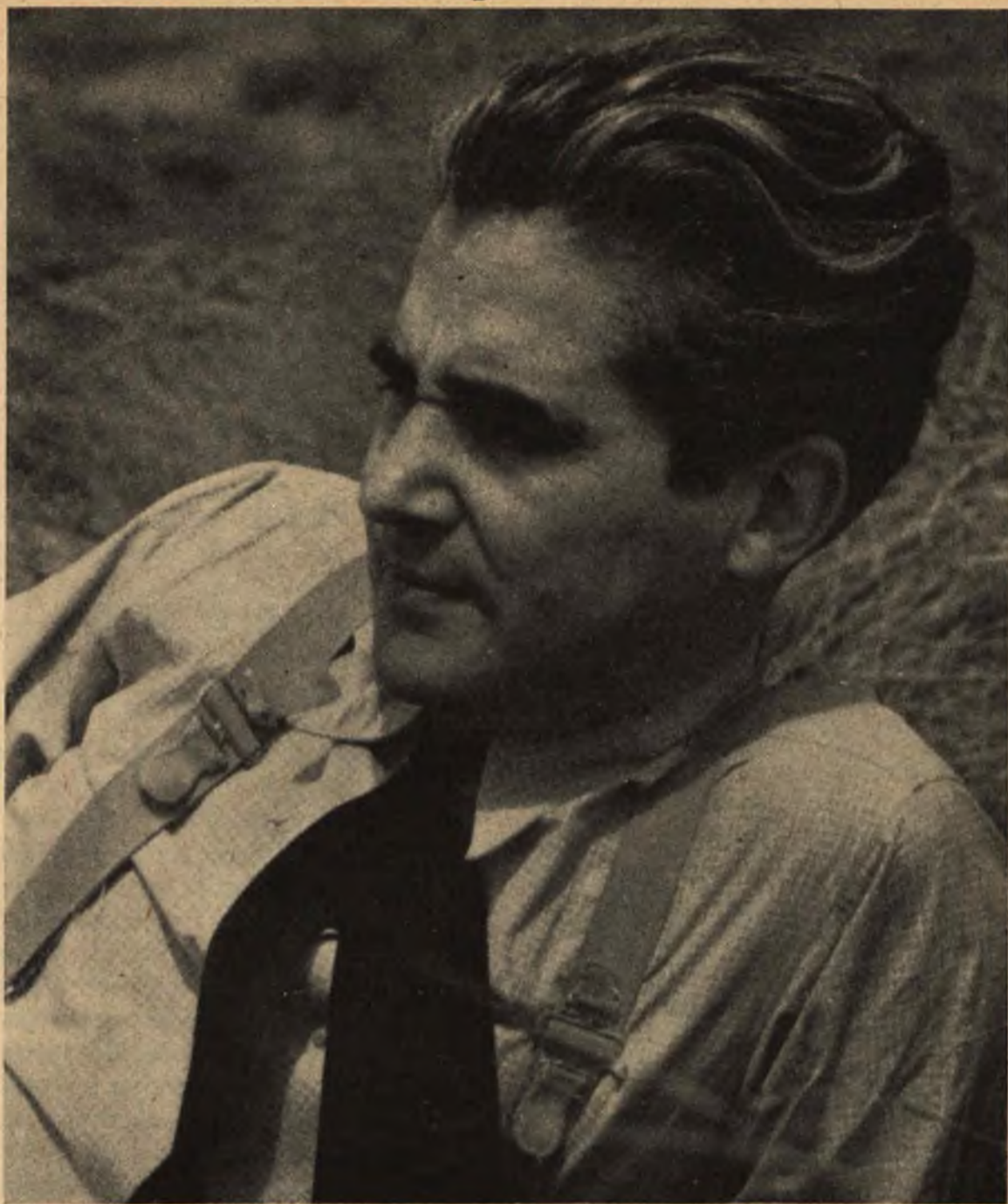
Mas foi só em 1939, já depois de começada a guerra, que, por intervenção do meu ilustre conterrâneo e saudoso amigo Prof. Mira Fernandes, tive uma primeira conversa com Bento Caraça, a propósito de um meu ensaio de investigação. Pude então conhecê-lo num outro aspecto, em que mesmo os leigos podiam apreciá-lo: o aspecto humano. Vivia eu, por esse tempo, de lições particulares, que me afastavam cada vez mais do meu sonho, que era o de poder dedicar-me de modo eficiente à investigação e ao ensino. Homem de múltiplos afazeres absorventes, Bento Caraça encontrou ainda tempo para se ocupar com vivo interesse do meu caso. Foi

então que, por seu intermédio, tive a oportunidade de conhecer o Prof. António Aniceto Monteiro, chegado pouco antes de Paris, e que viria depois a exercer influência mais profunda na minha formação científica, de modo directo e específico. Passados poucos meses, já eu dispunha de tempo e de ambiente para fazer investigações, graças a uma bolsa de estudo no País, concedida pelo Instituto de Alta Cultura. Esse facto marcou uma viragem total na minha vida. Foi precisamente nessa época que tomei contacto com os métodos formais, axiomáticos, da matemática moderna, perante os quais Bento Caraça, receando com razão os exageros dos neófitos, fez sentir a necessidade de reforçar ainda mais o papel da intuição no ensino, como factor imprescindível em todo o trabalho criador. E muito lhe fiquei devendo, muito lhe devem hoje indirectamente os meus alunos, pelas suas tão insistentes e tão bem intencionadas observações!

Era um pedagogo nato, à Ramalho Ortigão, preocupado sempre com a *cultura integral do indivíduo*. Em tudo procurava o equilíbrio, a harmonia. Lembro-me de lhe ter dito algumas vezes que o seu ponto de vista, mal interpretado, podia conduzir à dispersão, ao diletantismo superficial, *tipo Carlos da Maia*, num país onde a formação de técnicos e de cientistas era (como ainda é) um problema vital. Mas não podia deixar de lhe dar razão, até certo ponto. A ele devo, por exemplo, o ter-me ajudado indirectamente, como pioneiro, a descobrir os encantos da Serra da Estrela e o prazer das rijas caminhadas, respirando o ar fino da montanha: partir da *Senhora do Desterro* (S. Romão), às três da madrugada, por ali acima, em alegre companhia; visitar a Lapa dos Charcos e a Lagoa Escura; contemplar Loriga do alto de mil metros; trepar até ao cimo do Cântaro Magro e cantar vitória à beira do abismo; descer às Penhas da Saúde e chegar à Covilhã pelas 10 da noite... E recomeçar depois, em busca de novos horizontes!

Estas, as boas recordações.

Houve em seguida um incidente, que convém esclarecer aqui. Em dado momento, em fins de 1942, vi-me envolvido em polémica com Bento Caraça na «Gazeta de Matemática», a propósito de assuntos de carácter pedagógico, em que as opiniões podem evidentemente divergir. A discussão acirrou-se —



«...Vivia a sua profissão com alma de apóstolo e de artista»

principalmente por culpa minha, ou antes, por culpa da minha mocidade inexperiente e do meu estado de espírito de então. E também, vamos lá, por certa independência mental, que me leva geralmente a querer pensar pela minha cabeça e a não me deixar ofuscar por outro espírito, mesmo que este me inspire uma grande admiração, como era então o caso. No ardor da polémica, quase não me apercebi de que estava a ferir no íntimo um homem estruturalmente bem formado, que me tinha dado tantas provas de amizade e a quem eu tanto devia já. Uma noite, encontramos-nos por acaso num restaurante da Baixa. Bento Caraça veio sentar-se ao pé de mim, afavelmente, como se nada tivesse havido de anormal. Conversando sobre a minha próxima ida para Itália, mostrou-se sinceramente apreensivo quanto ao que pudesse vir a acontecer-me. Examinámos diversas alternativas, mas... não havia outra hipótese viável. Despedi-me

dele, sentindo que, apesar de tudo, continuava entre nós aquela sombra. Daí a pouco tempo (em Fevereiro de 43) parti para o meu destino.

Ao contrário do que afirmavam com suficiência os nossos estrategistas de café, foi exactamente a Itália o país que os Aliados escolheram para um primeiro desembarque na Europa. Viver ali, durante aquele período, não foi de modo algum coisa simples. Mas, por estranho que pareça, as inúmeras vicissitudes da guerra deram-me estímulo e tempo para meditar longamente sobre os mais diversos assuntos; deram-me distância e um sentido mais agudo de imparcialidade, para julgar os homens e os factos; e deram-me, além de tudo o mais, a possibilidade de conviver com cientistas de alto nível, na intimidade que se gera nos momentos difíceis. Quando, decorridos quatro anos, regressei a Portugal (com a sensação inexprimível de quem

volta de outro mundo, onde pouco ou nada se conhece deste, e reciprocamente), fui atormentado, durante um longo período, pela necessidade de procurar o Prof. Bento Caraça, para lhe dizer que tinha reconsiderado e que precisava de lhe pedir desculpa, porque achava que podia e devia ter dito as coisas de maneira diferente — isto é, de maneira franca, sim, mas cordata e amena, que é como devem dialogar duas pessoas que estão ambas de boa fé. Queria dizer-lhe isto e mais ainda (quanto aos assuntos que motivaram a discussão, escusado será dizer que a minha opinião evoluiu posteriormente, assim como teria certamente evoluído a do Prof. Bento Caraça). Consegui finalmente que ele me recebesse no seu novo lar, alegrado pela presença de um filho. E senti desde logo, com alívio, que a minha visita lhe causava satisfação. Mas havia na sala outro visitante (há geralmente uma terceira pessoa que, por mero acaso, se interpõe e se demora, quando temos algo de urgente e de íntimo a comunicar). Era alguém que, em dado momento, desejava ser esclarecido sobre aspectos filosóficos da teoria da relatividade. Bento Caraça era pessoa para atender sempre com agrado um pedido deste género. O seu rosto, já então marcado pelo sofrimento, mais uma vez se transfigurou, iluminado, como dantes eu o vira, pelo prazer de transmitir um pensamento belo. O tema, transposto agora para o campo moral, faz-me pensar nesta ideia: — *para apreciar um homem na sua justa grandeza, há que saber situá-lo no referencial conveniente, há que procurar medi-lo em relação à época e ao meio em que viveu.* Em conversa comigo, Bento Caraça trocou impressões sobre a Itália: sobre o que eu tinha feito e sobre a arte italiana. Lembro-me de ele ter falado em especial, com grande animação, de Florença, que desejaria tornar a ver. Depois de ter acompanhado à porta a outra visita, dirigiu-se-me num tom de voz fatigado, em que eu lia desilusão, sem dúvida, mas também, e mais ainda, coragem, lucidez e humanidade. Foi então, se bem me recorde, que ele me deu um conselho amigo, um conselho que parecia ao mesmo tempo um pedido e uma mensagem: *«Eu acho que V. devia agora doutorar-se quanto antes em Portugal, e procurar depois dedicar-se, inteiramente, ao ensino e à investi-*

gação; bem vê, o nosso País precisa muitíssimo de professores e cientistas». Depois, pedindo desculpa de me ter feito esperar, perguntou-me solícito: «Seja franco, tem alguma coisa a dizer-me em particular?» — olhando-me como se já soubesse de antemão o que eu queria dizer-lhe, afinal. Mas eram horas do seu jantar. Eu tinha diante de mim um homem terrivelmente ocupado e preocupado, que se dispunha, de bom grado, a conceder-me ainda alguns dos seus momentos. Após

JOAQUIM JACOBETTY:

«Uma espécie de ídolo da mocidade estudantil e universitária»

PEDEM-ME para, como amigo de sempre do Dr. Bento de Jesus Caraça, juntar duas palavras — que só podem ser bem modestas — às dos que, passados vinte anos sobre a sua morte, resolveram lembrar a vida do nosso grande, justo e progressivo companheiro apontando aos jovens o alto exemplo que ela constitui.

Assim farei, deixando a outros mais autorizados a análise das várias facetas do seu talento e da sua operosa actividade como Mestre, como investigador e como político.

*

Bento de Jesus Caraça foi um alentejano de pura cepa que nunca enjeitou a terra campesina e o meio modestíssimo da gente de trabalho em que nasceu.

Essa origem penso eu que explica grandemente as características sociais que desde o começo definiram a sua orientação política eivada dum intenso sentimento de solidariedade humana.

Foi como modesto rapazinho alentejano que ele apareceu um dia em Santarém com a sua usada fatiota de estamemha a frequentar o Liceu de Sá da Bandeira — económico, por força da modesta mesada que lhe enviava o seu padrinho e protector, introspectivo, sonhador e apenas aluno sofrível naqueles primeiros anos de estudante. Só lá para o quinto ano se revelou a sua decidida vontade e a sua extraordinária capacidade de aprender, de analisar, de sistematizar o conhecimento de tudo quanto a sua ávida curiosidade de futuro cientista des-

um instante de hesitação (em que muitas vezes tenho pensado), respondi-lhe que era preferível conversarmos noutra ocasião, com mais vagar.

Essa ocasião não mais se proporcionou. As palavras que eu considerava necessárias não chegaram a ser pronunciadas.

Resta-me apenas dizer que tenho procurado, até hoje, seguir o conselho que me deu naquela noite, há mais de 20 anos, o Prof. Bento de Jesus Caraça.

cobria nos livros, destacando-se então rapidamente entre os colegas, principalmente na matemática, embora atingisse em todas as disciplinas o mérito de um bom estudante, aplicado e inteligente.

Vindo para Lisboa, para terminar no Liceu de Pedro Nunes o curso liceal, a mudança de ambiente reforçou a sua personalidade e a sua capacidade de trabalho, iniciando desde logo a carreira de explicador solícito e eficiente, dentro e fora do liceu, na matemática, na física e nas disciplinas afins, carreira que, como divulgador e mestre, foi ampliando para outros domínios, até ao fim da vida, à medida que a sua cultura científica atingia, sucessivamente, todas as práticas úteis para a expansão do conhecimento, desde a linguística até aos diversos ramos da filosofia — e às ciências políticas e sociais e ainda à artes, cuja compreensão lhe era, em todas as modalidades, extraordinariamente acessível.

Dentro de pouco tempo, após ter entrado na Universidade, a sua rica personalidade, trabalhada e desenvolvida por constantes, metódicas e seleccionadas leituras e, simultaneamente, pelo trabalho escolar e pelas suas intervenções, como tribuno, como doutrinário e como orientador, nas associações, nas academias e nas sociedades e publicações culturais dessa época, tornou-o uma espécie de ídolo da mocidade estudantil e universitária, que com ele procurava conviver, frequentando-lhe as aulas, pedindo-lhe constantemente uma indicação útil, um

ensinamento, um conselho, uma comunicação escrita, uma conferência, uma oportuna nota bibliográfica, um livro e, tantas vezes, a sua intervenção directa nos trabalhos, nas pugnas e nas animadas, operosas e por vezes agitadas sessões das assembleias académicas.

A sua carreira professoral começa pela mão do notável matemático Prof. Mira Fernandes, do qual foi assistente logo em seguida à entrada no Instituto Superior de Comércio, e continuou, logo que terminou o curso, como professor sucessivamente de matemática, cálculo e economia matemática.

Invertendo nela os proventos obtidos como professor e como explicador, a sua biblioteca foi engrossando rapidamente com livros científicos e literários de todas as espécies que — coisa rara já então — ele lia e conhecia até ao ponto de poderem ser quase todos por ele rapidamente referenciados e citados, a seu belo talante, no decorrer das suas muitas actividades de professor, explicador, cientista, investigador publicista e dilettante das artes.

Todos esses livros estavam de resto sempre ao dispor dos colegas, dos amigos e dos alunos, para consulta e para empréstimos, tantas vezes transformados em dádivas se necessário, pois entendia que não

sendo assim privava os outros de participarem na, para ele sagrada, transmissão e expansão da cultura.

Tendo casado duas vezes, as suas duas mulheres vieram ambas do meio escolar. Uma era filha dum professor do liceu e seu amigo; a outra uma sua distinta aluna do Instituto Superior de Comércio. E foram ambas, acima de tudo, um complemento, apenas mais íntimo e mais sentimental, do conjunto de devotados discípulos e admiradores que sempre o rodearam.

As suas qualidades de pedagogo eram, de facto, naturais, instintivas. Foi sempre, simultaneamente, um eterno estudante e um mestre, e, como tal, prodigalizava, como camarada e sob todos os pretextos, os seus ensinamentos impregnados dum poder inexcedível de simpatia, de compreensão e de bondade para com todos. A sua sede de justiça, o vivo desejo duma paz social, baseada na equidade, encontravam nos seus profundos conhecimentos o mais alto nível de expressão: — ao revelar, como político, perante os partidos e perante o país, as suas excepcionais qualidades de avisado, desassombrado e corajoso lutador, foi, ainda, como estudante incansável e como prestigioso professor que, pelo enunciado, pelo profundo exame e pela viva crítica dos problemas nacionais e das suas

soluções que se impôs ao respeito dos seus partidários e dos adversários.

*

Quando recordo o que foi a vida deste notável e inigualável «rapaz» do meu tempo e querido amigo, arrebatado pela morte ante de ter completado os 50 anos, não me posso esquecer daquele dia em que, sendo ele ainda um novato professor universitário, o encontrei na mata da Caparica rodeado duma chusma de voluntários discípulos ocasionais, rapazes e raparigas e outros veraneantes de todas as idades, que diàriamente se reuniam, sentados sobre a relva, à sua volta, para o ouvir disreter sobre um assunto qualquer que lhe sugeriam; nem esquecerei também a inexcedível boa vontade com que ele os ouvia e lhes falava e a profunda comunhão que a todos unia.

E não será fácil idealizar uma imagem mais simples, mais convincente e mais emocionante de solidariedade humana, do que a desse grupo no qual se soldavam em várias gerações uma recíproca amizade, a devoção pelas coisas belas da vida e um sempre insatisfeito desejo de encontrar todas as explicações e de conhecer cada vez mais.

ABEL MANTA:

«Vimo-lo chegar de samarra alentejana...»

QUANDO pintei o seu retrato (pouco tempo antes da sua morte prematura) sempre emocionado pela sua bela máscara de pensador, coroada por uma cabeleira romântica precocemente encanecida — o Bento já não era aquele moço de aparência robusta que anos antes víamos chegar de samarra alentejana e abancar conosco à mesa dum café do Rossio; e às vezes, pela tarde, naquele primeiro andar ali ao Chiado, na salinha ao lado do consultório, onde já caturravam pelo menos o «dr. Pangloss» (Carlos Olavo) e Ramada Curto, sempre os primeiros a chegar, esperando que Mestre Pulido, despachado o último doente, surgisse à porta, de mão levantada lançando o seu habitual:

«Façam favor de entrar». A porta não se fechava, porque já se sabia que a seguir chegava um, chegava outro e, em poucos instantes, a tertúlia (tantas vezes evocada pelo Aquilino) estava completa.

O Bento não era dos mais assíduos, a esta hora ocupado sempre com as suas tarefas do professorado. Mas o que tinha mais graça é que a sua presença era para alguns um pouco importuna, e tinham razão, porque já se sabia que, estando o Bento presente, Mestre Pulido queria que os *tertulianos* tivessem muita saúde... e toca a encostarem-se os dois no vão da janela e aí se quedavam indiferentes ao resto dos parceiros, se não lhe dava, quando o palatório os incomodava, para se esca-

parem no gabinete do Dr. Azevedo Gomes, ao lado, que ele deixava sempre aberto. Uma vez por outra, percebíamos, já pelos gestos já pela elevação das vozes, que havia entre ambos discordâncias, caturrices, mas, porque se tratava de coisas complicadas — matemáticas, físicas, etc. (para nós *música celestial*), continuávamos a deliciar-nos com as facécias do Ramada — histórias de teatro, escândalos de actrizes e empresários, polémicas com o Carlos Olavo sobre a Boa-Hora ou a Ordem dos Advogados, chegando às vezes à do cabo, tratando-se reciprocamente de ignorantes; quando não era o Aquilino, furioso com a opinião de algum crítico ou colega

das letras sobre o seu último livro — mas, nestas questões tinha pela frente o Carlos Amaro e o Câmara Reys, que o metiam na ordem.

O que tinha a sua graça é que naquele *centro clínico*, digamos — a respeito de médicos, temos conversado... Efectivos eram só os drs. Ribeiro dos Santos e Mário de Alenquer, e, uma vez ou outra, Oliveira Machado, Ducla Soares, porque tudo o mais eram companheiros de cavaco que o Prof. Pulido escutava e auscultava de borla já se vê, quando, para não ter a massada de receitar ou lhes poupar a botica, lhes metia na mão a amostrazinha da droga.

O nosso Bento! O nosso querido e grande Amigo! Que trágica noite aquela de Junho! Estou ainda a ouvir o grande professor Mira Fernandes dizer-me a soluçar: «Que pena! Um rapaz de quem tanto havia a esperar...».

«Les morts vont vite» disse um poeta. Não é verdade! Estes não... Bento Caraça e Pulido Valente deixaram um rasto de luz que não se apaga mais!

Quem amou, quem admirou estas excelsas figuras, se olhar aquele primeiro andar do Chiado — repare... A entrada está sempre cheia de flores!

JOSÉ GOMES FERREIRA:

«O verdadeiro poeta era ele»

O adjectivo *fascinante*, embora já com o brilho muito gasto de tanto uso desatento, ainda me parece ser o mais próprio para definir a personalidade de Bento Caraça.

Camponês mal escondido no quotidiano da cidade, lábios estreitos para tornar as palavras voluntárias, sempre que encontrava alguém de quem gostava, lançava para o mundo a ponte do seu sorriso inteligente — e saudava-me:

— Olá, poeta!

Entre nós havia esse pacto de convívio. Ambos representávamos — actores provisórios do Eterno Diálogo das duas linguagens, tão desiguais por fora, mas afinal tão misteriosamente enlaçadas: a matemática e a poesia.

Eu simulava o poeta anarquista, refilão, desordeiro, imprecador. Ele, o homem que se fingia pas-

F. KEIL DE AMARAL:

«Um homem simples que simplesmente dava qualidade à vida...»

ADMIRÁVEL companheiro! Simples, despretencioso, humano e jovial — como só os homens verdadeiramente grandes conseguem ser.

Outros evocarão, aqui, o matemático, o professor, o político, o cidadão...

Eu recordarei o companheiro, o amigo cujo convívio enriquecia a vida dos que privavam com ele.

Já com cabelos brancos (teve-os bastante cedo, aliás) os médicos proibiram-no de ir passar as férias na Serra da Estrela, num ermo de predegulhos a que se afeiçoara. Instalava numa lapa provisões, livros, três ou quatro mantas — e tanto lhe bastava para transformar aquela desolação numa sucursal do paraíso, que a riqueza da sua vida interior recheava de encantos, de prazeres, de horas sem tédio. Expulso do seu Éden, dedicava-me uma parte das suas férias, que passámos numa velha casa da Beira Alta. E aí o conheci mais intimamente e o apreciei melhor.

Outros bons amigos — o Manuel Mendes e o José Gomes Ferreira, ali acorriam também — todos com planos de trabalho para aproveitar bem o tempo livre de obrigações. Mas ninguém conseguia ir além dumas primeiras tentativas. Logo a lazeira (abençoada lazeira) tomava conta de nós e gastávamos os dias em ocupações absurdas, infantis e deliciosas. Duma feita resolvemos inventar um pudim colectivo; d'outra, uns jogos de nomes e de cartas, em que a própria fantasia perdeu as estribeiras; d'outra, uma dança incrível — «o tango linear, ou nó arame». Por vezes íamos aos grilos...

— Deixem vir o Lopes Graça (o Graça chegava mais tarde), que ele mete-nos o ripanço nos eixos — dizia o José Gomes Ferreira. — O Graça é um trabalhador implacável, imune aos eflúvios entorpecentes...

Mas o maestro chegava e logo a lazeira o vencia também. Em vez de músicas compunha sopas...

Assim corriam os dias. Contudo o Bento Caraça, companheiro jovial de infantilidades, permanecia sempre, embora involuntariamente, o Mestre — aquele que punha estímulos no nosso caminho para tropeçarmos neles; aquele cuja companhia tornava os homens mais dignos, as ideias mais subtis, os campos mais verdes e os campos mais diferenciados dos animais domésticos do que se dizia, o céu menos metafísico, a fraternidade mais imperativa e doce, o NÃO mais necessário, o SIM mais construtivo, as ciências menos herméticas, as humanidades menos pomposas e divagantes — o Mundo mais habitável, em suma.

Um Mestre! Um homem simples, que simplesmente dava qualidade à vida. Como só os verdadeiramente grandes conseguem dar...

ANUNCIE

NA

«SEARA NOVA»

«Em 1934, vítima de uma acusação lamentável, viu a sua aula invadida por todos os estudantes, que lhe significaram a sua franca solidariedade»

RECORDAR publicamente a vida e a obra do Professor Bento Caraça é, ao mesmo tempo, preito de justiça, missão ousada e acto doloroso, para quem pode invocar dezoito anos de conhecimento que se converteu em forte amizade, profundo respeito e quotidiano convívio.

Não cabe no âmbito necessariamente limitado deste despretencioso escrito, e transcende muito as reduzidas capacidades do seu autor, tentar uma síntese da rica e singular personalidade do Professor Bento Caraça. Uma tal tarefa outros a levarão a cabo um dia com útil desprendimento emocional, e necessariamente quem venha a estudar com a objectividade mínima a época dramática em que decorreu a sua curta vida.

O professor, o mestre, o amigo e o homem eram em Bento Caraça atributos indissociáveis e sem prevalência de um sobre os outros. As suas humildes origens alentejanas, se lhe abreviaram a vida, capacitaram-no para que ela singelamente ganhasse autêntico sentido nacional e do mesmo passo atingisse as alturas de uma visão universalista. Daí a permanente dádiva da sua pessoa para o que se lhe afigurasse em cada momento de interesse geral, daí também que relegasse para plano secundário e esquecido sucessos pessoais que nunca ambicionou, daí ainda a sua constante exigência de honestidade em todas as emergências e perante todos, sem subterfúgios nem abdicções.

A sua própria vida foi a melhor lição para os que tiveram a sorte de ser seus alunos ou discípulos, muito embora já nele tivessem visto um alto exemplo de integridade de carácter, de independência mental, de humildade intelectual, de ampla abertura de espírito.

Porventura uma só vez teve a oportunidade de observar até que ponto os estudantes da sua escola e do seu tempo, sem qualquer excepção, apreciavam a sua alta figura moral, estimavam o seu ensino e reconheciam o respeito que

por todos tinha. Em 1934, vítima de uma acusação lamentável, mas tristemente prenunciadora, viu a sua aula invadida quase silenciosamente por todos os estudantes, que lhe significaram, em termos simples como ele apreciava, a sua franca e total solidariedade.

Vinte anos são decorridos sobre a morte, exemplar como a sua vida o fora, do Professor Bento Caraça, e, ainda que pese, apetece negar a frase então pronunciada sentidamente por um amigo comum — não, *il y a des morts que ne vont pas vite, qui ne vont même pas du tout.*

★

De um artigo do mesmo autor, na «Gazeta de Matemática» de Agosto-Dezembro de 1948:

De toda a acção escolar do Professor Bento Caraça pretende-se destacar aqui, apenas e em resumo,



«A sua própria vida foi a melhor lição»

aquela parte que se relaciona directamente com a introdução no nosso País dos métodos da Econometria.

Pode dizer-se que o primeiro sinal do seu interesse pelo desenvolvimento dos estudos económicos em Portugal e pela garantia de objectividade que os métodos da Econometria oferecem no tratamento dos problemas económicos, foi a fundação do Centro de Estudos de Matemáticas Aplicadas à

Economia (C. E. M. A. E.), em Janeiro de 1938. Na justificação da proposta de fundação deste centro de estudos, apresentada ao Conselho Escolar do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, está bem patente o reconhecimento da impossibilidade de um plano de estudos rígido seguir intimamente o progresso dos meios de investigação e assimilar rapidamente novos métodos e novas técnicas. Nessa justificação acha-se também a constatação da extensão progressiva dos métodos matemáticos ao estudo dos fenómenos biológicos e sociais.

Nestes dois pontos e no reconhecimento do interesse nacional dos resultados da tarefa decorrente se radica a acção do Professor Bento Caraça no quadro do C. E. M. A. E. e através dela é possível observar como procurou suprir com o trabalho do centro as insuficiências de um plano de estudos fixo e como tentou introduzir novas técnicas de observação, de análise e de interpretação por meio da formação de quadros especializados. O exame da acção do Professor Bento Caraça no C. E. M. A. E., que dirigiu desde a fundação até, pode dizer-se, à extinção — alguns dias após a sua demissão do cargo de professor catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, em Outubro de 1946 — o exame da sua acção, dizia-se, conduz à conclusão de que reservava aos métodos que a Matemática facultava agora para o ataque dos problemas sociais o seu lugar justo — longe de uma universalidade de aplicação a tais problemas que nada hoje legitima, mas que nem por isso deixa de envolver a necessidade da extensão progressiva dessa aplicabilidade, para que haja ampliação efectiva do conhecimento.

A par da sua permanente preocupação de formar quadros, preocupação que nunca enfraqueceu, quer perante a ausência absoluta de meios financeiros que caracterizou a fase inicial da vida do

C. E. M. A. E., quer em face de perturbações do apoio material que o Instituto para a Alta Cultura reservou ao centro de 1942-43 até à sua extinção em 1946, deve colocar-se a não menor preocupação de aproveitar ao máximo todas as contribuições e de conseguir a coordenação de todos os esforços.

Vem a este propósito a citação da colaboração do C. E. M. A. E. no Congresso de Córdova de 1944, promovido pela Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências, e da aprovação unânime, neste mesmo Congresso, da proposta do Professor Bento Caraça, director e delegado do C.E.M.A.E., relativa à unificação e à coordenação dos estudos demográficos sobre as duas nações ibéricas.

A primeira tentativa para a introdução sistemática, em Portugal, dos métodos da Econometria deve-se ao Professor Bento Caraça e a importância desta tentativa não fica diminuída, nem pelos seus próprios e inevitáveis defeitos, que representarão, depois de atentamente examinados, preciosa experiência adquirida, nem pela forma como se lhe pôs termo forçado.

Tal tentativa, aparentemente fracassada, ficará a ser, como foi efectivamente, apenas um aspecto da luta pela organização e defesa do trabalho científico, que há-de ser levada por diante, aspecto parcelar esse que será reconsiderado e ampliado, como será inevitável, se se pretender resolver racionalmente problemas fundamentais. Então, a obra do Professor Bento Caraça, neste domínio, surgirá em toda a sua verdadeira extensão e revelará todos os seus autênticos méritos, dos quais não serão os menores a profunda intenção nacional e o total desinteresse pessoal com que foi realizada.

A SEARA
NOVA
PRECISA
MAIS DO QUE
NUNCA
DO SEU APOIO

MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA:

«Biblioteca Cosmos — 114 títulos com uma tiragem média de 6960 exemplares»

MESSES antes de os exércitos hitlerianos terem atravessado, na madrugada de 1 de Setembro de 1939, a fronteira polaca, já o Professor Bento Caraça trabalhava no plano que sistematizou e levou à publicação de «Biblioteca Cosmos». Há 29 anos!

Esta colecção de divulgação cultural, que se publicou regularmente durante sete anos, até à morte do seu director, em 1948, é já capítulo obrigatório de qualquer estudo ou história da cultura em Portugal nos primeiros cinquenta anos deste século. E porque assim é, aqui se dão duas achegas importantes para os ensaistas, críticos ou historiadores que venham a debruçar-se sobre esta notável realização de Bento Caraça.

A primeira — e desfazendo certas afirmações aparecidas em público — é que esta colecção, publicado o seu primeiro volume em Junho de 1941, foi anterior à colecção francesa «Que sais-je?». E se alguma influência houve no espírito de Bento Caraça esta deve situar-se na velha e hoje quase centenária publicação, cujo título, por si só, é já um programa — a «Biblioteca do Povo e das Escolas».

Depois — e esta achega é da mais alta importância — o Professor Bento Caraça, esboçado que ficou o plano de «Biblioteca Cosmos», tudo fez para que esta colecção fosse exclusivamente colaborada por autores portugueses. O mestre teve sempre em mente que ela deveria ser um espelho de uma cultura viva, mas especificamente portuguesa. Para além dos autores que foram publicados, acederam a colaborar nesta colecção, entre outros, os Drs. Adolfo Casais Monteiro, Adriano de Gusmão, António Sérgio, António da Silveira, José Gomes Ferreira, Luís Navarro Soeiro, Manuel Peres, Mário Dionísio, Mário Neves, Orlando Ribeiro, Paulo Quintela, Ruy Luís Gomes, Vitorino Magalhães Godinho e o escultor Diogo de Macedo. Infelizmente, durante os sete anos de publicação de «Biblioteca Cosmos», nenhum destes

autores, pelas mais variadas razões, entregou o ou os originais prometidos a Bento Caraça. O pensamento original de Bento Caraça ficou desvirtuado e as traduções começaram a encher o catálogo da publicação.

Ainda uma informação, que responde a muitas perguntas que nos têm sido feitas: a capa de «Biblio-

O grande
inquérito
à intelectualidade
portuguesa
no decénio corrente

SITUAÇÃO DA ARTE

74 artistas, críticos, escritores e poetas depõem no primeiro grande inquérito sobre a situação da arte realizado em Portugal.

SITUAÇÃO DA ARTE

Um guia imprescindível para a compreensão do problema artístico português.

Col. «Estudos e Documentos»
424 págs. — 75\$

PUBLICAÇÕES
EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins

Delegação em Lisboa:

Rua das Flores, 45, 2.º

Delegação no Porto:

R. de Entreparedes, 6, 2.º

teca Cosmos» deve-se por encomenda de Bento Caraça ao pincel de Carlos Botelho.

Os nove anos de trabalho intenso de tão sábio mestre e cidadão ínclito deu como fruto a publicação de uma das mais frutuosas experiências de divulgação cultural. Números: 114 títulos publicados, com uma tiragem global de 793 500 exemplares (tiragem média por livro: 6960 volumes) — numa época em que uma tiragem razoável razava os 2000 exemplares!...

J. C. Ferreira de Almeida • Salgado Zenha • João dos Santos • E. Prado Coelho • Maria Velho da Costa Cardoso Pires • Nuno de Bragança além de outras personalidades respondem ao inquérito sobre

**fidelidade • divórcio.
os filhos • liberdade
sexual • limitação dos
nascimentos**

no caderno n.º 2 de

O TEMPO E O MODO

Preço avulso 35\$00

Para os assinantes da Revista 25\$00

PEDIDOS:

Av. 5 de Outubro, 297, 1.º-D.
LISBOA — Telefone 76 61 48

Keller Marítima, L.ª

AGENTES DE
NAVEGAÇÃO

PRAÇA D. LUIS, 9, 3.º

Tels. 67 60 35 - 66 54 41 - 66 91 56
e 67 30 86

L I S B O A

«SEARA NOVA»

PRECISA

DO APOIO CONSTANTE

DOS SEUS AMIGOS

INDIQUE NOVOS ASSINANTES

ALBERTO PEDROSO:

A lição de uma vida...

...a actualidade de uma obra

«...Mas foram mais algumas ilusões perdidas, dir-se-á. Não. As ilusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir, perdidos são aqueles períodos da história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta, sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída uma sombra uniforme sobre o pântano estéril da vida sem formas.

Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande, que nos ultrapassa e nos requiere. Sem ilusões nada de sublime teria sido realizado, nem a catedral de Strasburgo, nem as sinfonias de Beethoven. Nem a obra imortal de Galileo.»

As mãos que escreveram estas palavras serenas e confiantes, os lábios que as pronunciaram publicamente com a coragem e a comunicativa convicção que lhe eram tão próprias — essas mãos e esses lábios imobilizaram-se e emudeceram para sempre quinze anos depois, irremediavelmente atingido o coração generoso que lhes transmitia o calor e a vida.

Completam-se, dentro em pouco, vinte anos sobre a sua morte. Foi em 25 de Junho de 1948.

Nesse dia um Amigo deixava para sempre o nosso convívio físico. E, com o Amigo, acabávamos de perder um companheiro e um mestre, um humanista (no mais amplo sentido contemporâneo da palavra) esclarecida e corajosamente envolvido no conturbado mundo do seu e do nosso tempo — aquele mundo que justamente considerava «uma época de transição, uma ponte de passagem entre aquilo que desaparece e o que vai surgir» —, um infatigável modelador de consciências, actuando pela palavra, pela pena e, antes e acima de tudo, pelo vigoroso exemplo duma vida irrepreensivelmente vivida.

Naquele dia alguma coisa de nós mesmos desaparecia para sempre. Morria o Professor Caraça.

A ciência e a cultura portuguesa perderam um dos seus trabalhado-

res mais lúcidos e devotados. Todos nós, portugueses, perdemos um Amigo. Sentimo-nos mais pobres e mais sós — diminuído o nosso património humano, ficámos, simultaneamente, privados da preciosa contribuição intelectual e cívica prestada por este homem e afastados da sua irresistível força de ânimo, da sua presença activa ao lado de todos nós.

Professor catedrático da Universidade Técnica de Lisboa, cientista de renome internacional, Bento Caraça repudiou sempre o isolamento na «torre de marfim» do sábio e do pensador, optando conscientemente, resolutamente, pelo exercício do seu magistério intimamente integrado na problemática do seu tempo, virado para o futuro e irmanado sem quaisquer distinções no esforço colectivo de construção que sabia irreprimível, fossem quais fossem os obstáculos e os resultados imediatos. Por isso acentuou:

«Precisamos, para não trair a nossa missão, de nos forjarmos personalidades íntegras, de analisarmos o nosso tempo e de actuar como homens dele. Como homens que sabem distinguir o fundamental do acessório, que, na resolução de um problema, não se deixam perder no emaranhado dele, nem cegar pelas nuvens de fumo que os interessados pela sua não solução a todo o momento e infatigavelmente lançam.

Dessas nuvens de fumo, tantas e de tão variados aspectos, quero referir-me hoje a uma apenas — a confusa questão das élites. Confusa e delicada.»

Decorreram vinte anos sobre a sua morte, vinte anos dos mais extraordinários e fecundos que a humanidade tem vivido. Apesar disto, a memória e o pensamento deste homem permanecem vivos e inalterados, válidos, actuantes, projectando sobre o tempo actual a sua mensagem de fraternidade e de confiança reflectida, mantendo a pureza e o vigor iniciais, mensagem agora enriquecida pela amadurecida experiência dos anos que vivemos. Ela continua a ser escutada com interesse, não apenas

pelos homens da sua geração e os daquelas a quem a sua palavra e os seus livros e conferências ajudaram a encaminhar nos árduos mas saudáveis caminhos que conduzem para diante, mas ouvida também — o que é verdadeiramente significativo — pela geração que atinge neste momento a maioria intelectual e a vez da intervenção.

Se alguma dúvida nos restasse ainda, certamente teria desaparecido quando vimos exposto, nos últimos dias de 1967, nalguns escaparates das livrarias, o primeiro número duma nova revista, nova na idade e na índole, revista em cuja capa, de alto a baixo, no honroso lugar que lhe cabia, se encontrava reproduzido um pequeno trecho colhido em «A Vida e a Obra de Evaristo Galois».

Sentimos de novo confirmada, a partir desse momento, a continuidade da presença do amigo e do mestre desaparecido há vinte anos, mas cujas palavras permanecem, no entanto, intelectualmente válidas e civicamente honrosas para encabeçarem e preambularem o primeiro número dum periódico lançado por uma associação estudantil, a de Económicas.

Lendo-a, vieram-nos ao espírito, insensivelmente, aquelas palavras proferidas por Bento Caraça ao terminar uma das suas conferências, em 1933:

«Houve quem dissesse um dia que as gerações dos homens são como as das folhas, passam umas e vêm outras.

Está na nossa mão o desmentir o significado pessimista desta frase.

Só figuram de folhas caídas, para uma geração, aquelas gerações anteriores cujo ideal de vida se concentrou egoisticamente em si e que não cuidaram de construir para o futuro, pela resolução, em bases largas, dos problemas que lhes estavam postos, numa elevada compreensão do seu significado humano.

Essa concentração egoísta tem um nome — traição, e, se hoje traírmos, será esse o nosso destino — ser arredados com o pé, como se arreda um montão de folhas mortas.

E não queiramos que amanhã tenham de praticar para connosco esse gesto, impiedoso mas justo, exactamente o mesmo que hoje nos vemos obrigados a fazer

para com aquilo que, do passado, é obstáculo no nosso caminho.»

Estas palavras — só possíveis de proferir por quem possui no mais alto grau, por um lado, o sentido da responsabilidade cívica e intelectual voluntariamente assumida, e, por outro, a correspondente

tranquilidade de consciência—estas palavras, acentuamos, são dirigidas a todos nós, como advertência e incitamento.

«Está na nossa mão o desmentir o significado pessimista desta frase».

Na sua esteve. — E cumpriu!

O SEU EXEMPLO PERTENCE AO PATRIMÓNIO MORAL DA NOSSA PÁTRIA

E se é certo que, como professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e através da larga difusão dos seus livros — de ensino e de divulgação científica — Bento Caraça deu uma contribuição importante para a formação profissional da nossa juventude, no entanto, em meu parecer, foi pela ampla projecção educativa da sua vida exemplar que ele verdadeiramente se afirmou como um autêntico Mestre!

Na verdade, Bento Caraça pertenceu ainda a uma geração que fez a sua própria preparação, no domínio da Matemática, numa época em que as nossas Escolas Superiores estavam inteiramente informadas pelo velho e desastrado conceito de que se pode ser um grande professor universitário sem nunca se ter patenteado, na análise exaustiva de algum problema concreto, a *garra* ou, pelo menos, o *sentido de investigador*.

De *aluno laureado* subia-se, pela mão de professores mais antigos, até às culminâncias da cátedra e, uma vez lá, usufruía-se de um direito de propriedade, absoluto, em arrogante desafio às restrições que o progresso da humanidade lhe tem imposto inexoravelmente no âmbito das coisas materiais. E quantos catedráticos assim viveram e morreram, sem se aperceberem de que estavam traindo a sua função de profissionais e educadores!

Bento Caraça, fez o seu curso sem nunca lhe ter sido apontado, estou certo disso, como único meio capaz de se chegar a ensinar, matemática ou qualquer outra ciência, o de primeiro *aprender* — num verdadeiro e estimulante ambiente de trabalho de investigação.

E quantas vezes o ouvi lamentar-se disso mesmo, ao analisarmos as grandes deficiências da nossa própria preparação e, o que é mais importante, as causas profundas do baixo nível científico e ético das universidades portuguesas.

Bento Caraça não foi, pois, um investigador, mas superando o meio em que foi educado e lançando-se desde muito novo nas tarefas do ensino, em breve se juntou aos que deram o primeiro passo para fazer triunfar as nossas Escolas Superiores uma nova concepção da vida universitária.

Fundou com António Monteiro, Hugo Ribeiro, José Paulo e Manuel Zaluar a *Gazeta de Matemática*, ajudou a constituir a Sociedade Portuguesa de Matemática e, assim, facilitando o caminho aos mais novos, participou efectivamente na obra de renovação da cultura matemática iniciada em Portugal há cerca de 10 anos.

Vencendo as suas próprias dificuldades e tirando delas um ensinamento para facilitar a formação profissional da juventude, contribuiu em larga medida para que a investigação se tornasse uma primeira realidade; procedendo assim, deu um conteúdo real e progressivo à sua missão de educador.

Na verdade, que é um educador? É precisamente *aquele que propõe à juventude uma certa hierarquia de valores* (Julien Benda).

E a sua orientação é boa ou má, quero dizer, útil ou nociva ao interesse nacional e à causa mais ampla do progresso da humanidade, conforme a escala de valores que escolhe e aplica através da sua própria actuação de educador.

Alinhando com aqueles que pretendem transformar as nossas universidades em Centros de Investigação e verdadeiras escolas de trabalho, escolheu como primeiro *valor*, no domínio da sua actividade de professor, a subordinação dos seus interesses imediatos a um interesse superior — o da preparação profissional da juventude.

E sacrificando tudo, desde a cátedra, de que foi afastado, até às exigências de uma saúde precária, aos grandes valores morais — inteireza de carácter, sentimento de solidariedade e coerência de princípios — deu-nos a todos a melhor lição da sua vida.

O seu exemplo pertence ao património moral da nossa Pátria. O povo português nunca o esquecerá!

RUY LUÍS GOMES

(Extracto de um artigo publicado na «Gazeta de Matemática», Agosto-Dezembro de 1948).

18-4-1901 — 25-6-1948

NOTAS DE VIAGEM

Amarante.

1942. 12 de Setembro.

As lérias de Amarante não são como as do resto do Universo. Por toda a parte as lérias são qualquer coisa de desprezível, de sem-valor, qualquer coisa que se dá quando por desfastio não há coisa melhor a fazer. Além disso as lérias não têm personalidade, nunca atingiram a dignidade do *singular*; nunca, de memória de bicho racionante e movente, uma pessoa deu uma *léria* a outra, mas sempre em momentos cinzentos, em que o *eu* nem força tem para estar consigo próprio, se deram *lérias* a outrem. E até os próprios locais onde permanentemente se faz comércio de lérias disfarçam sorratamente essa sua função (a única que possivelmente têm) sob o nome discreto de *cafés*.

Em Amarante nada disso; é como se se penetrasse num mundo novo, com uma métrica diferente. A léria tem valor e personalidade, tem plural e singular, não é provocada pelo desfastio mas pelo apetite, as suas cinco letras mágicas inscrevem-se orgulhosamente na fronteira duma casa e em caixas especiais de embalagem. E se num estado psicológico de comunhão com o absoluto, um pobre mortal tem de súbito a inspiração divina de saborear um manjar de eleitos, entra numa confeitaria, puxa de seis tostões e diz: — Ora dê-me cá uma léria! — Como esta frase seria incompreensível no Universo extra-amarantino!

Bragança.

1942. 25 de Setembro.

...
Estava eu depois de almoço à espera de duas chamadas que fizera para Lisboa, considerava a desolação dum dia de chuva numa cidade desolada (Bragança é uma cidade absurda onde nada está no seu lugar, onde se vendem máquinas de

escrever nas sapatarias, sapatos nas mercearias, gravatas nas lojas de fotografia, vinho nas lojas de ferreiros, onde as empregadas da central telefónica aconselham as pessoas a telefonar dum café, onde nem a própria cidade está no seu lugar de cabeça de distrito porque é uma aldeia), estava eu considerando isto tudo e pensando que no dia seguinte (hoje) estaria em Lamego, pois não há ligação prática com a linha do vale do Sabor, quando me aparece um rapaz antigo conhecido de Lisboa que me apresentou a outro, esse a outro e em menos de um quarto de hora eis-me entre amigos que ignorava. Passei uma tarde deliciosa quase toda preenchida pela visita ao abade de Baçal. Coisa indescritível, este Baçal e a casa do abade e, acima de tudo, o próprio abade. Se alguém me descrevesse o que ontem vi e observei eu recusar-me-ia a acreditar; supus-me transportado a um mundo diferente. E o facto é realmente este — o universo-extra-Baçal e o universo-Baçal não têm medida comum.

Gostaria de poder traduzir um dia em palavras (o que farei se tiver uma tarde inteira e repousada para isso) o mundo de impressões que essa visita fantástica me suscitou, mas creio que conservarei para sempre na retina a sucessão de imagens, oscilando constantemente entre os dois polos do sublime e do grotesco, que ontem me foi dado ver. Foi uma tarde à parte das outras.

Voltei de Baçal já tarde e jantei à pressa, pois precisava de me encontrar com uma pessoa que me dera esperança com forte probabilidade de seguir hoje de manhã para Miranda de automóvel (coisa de que já desistira, afinal só vamos amanhã). Mais uma visita a uma casa amiga e chegou a meia-noite — hora que em qualquer parte não significa nada mas que em Bragança quer dizer nada mais nada menos que o apagarem-se todas as luzes e cada um recorrer a velas se as tem. E aqui tem, só hoje posso escrever, um relato pálido do mundo que se agitou ontem perante mim.

...

Nasceu em Vila Viçosa, em 18 de Abril de 1901, filho de João António Caraça e de Domingas da Conceição Espadinha, trabalhadores rurais.

Terminou os estudos primários em 1911 e o curso liceal em 1918. Frequentou o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (I.S.C.E.F.) de 1919 a 1923, ano em que se licenciou.

Foi nomeado 2.º assistente do 1.º grupo das cadeiras do I.S.C.E.F. em 1 de Novembro de 1919, 1.º assistente em 13 de Dezembro de 1924, professor extraordinário em 14 de Outubro de 1927 e professor catedrático da 1.ª cadeira (Matemáticas Superiores — Álgebra Superior. Princípios de Análise Infinitesimal. Geometria Analítica) em 28 de Dezembro de 1929.

Regeu no ano lectivo 1924-25 a 2.ª Cadeira (Matemáticas Superiores — Análise Infinitesimal. Cálculo das Probabilidades e suas Aplicações) e de 1925 a 1926 a 1.ª Cadeira.



Foi eleito Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Matemática para o biénio 1943-44 e Delegado da Sociedade aos Congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências de 1942 a 1944 e de 1946 a 1948.

Em 1938 propôs, com os professores A. de Mira Fernandes e C. M. Beirão da Veiga, ao Conselho Escolar do I.S.C.E.F. a fundação do Centro de Estudos de Matemáticas Aplicadas à Economia, de que foi Director até Outubro de 1946.

Em 1940 fundou, com os professores António Monteiro, Hugo Ribeiro, José da Silva Paulo e Manuel Zaluar, a «Gazeta de Matemática».

Em 1941 fundou a «Biblioteca Cosmos» de que foi o único director.

Foi Presidente da Direcção da Universidade Popular Portuguesa, durante muitos anos consecutivos.

SUBSÍDIOS PARA A BIBLIOGRAFIA

DE BENTO DE JESUS CARAÇA

LIVROS

Matemática

- 1 — «Interpolação e integração numérica», Lisboa, 1933 (cota na Biblioteca Nacional de Lisboa: SA 11135-V e 11313/14). Publicado, inicialmente, na Revista do Instit. Sup. Comércio de Lisboa.
- 2 — «Lições de Álgebra e Análise», vol. 1.º, Lisboa, 1935 (cota B.N.L.: CG 4530-V; 2.ª ed., 1945, cota B.N.L.: CG 6351-V; 3.ª ed., 1956, cota B.N.L. CG 8311-V); vol. 2.º, Lisboa, 1940;
- 3 — «Cálculo Vectorial», Lisboa, 1937, 1.ª ed. (cota B.N.L.: SA 22047-P; 2.ª ed., Lisboa, 1957, (cota B.N.L.: SA 18420-V).
- 4 — «Conceitos fundamentais de matemática», 1.º vol., n.º 2 da Bibl. COSMOS, Lisboa, 1941 (cota B.N.L.: COG 5613-P); 2.º vol., n.º 18 da B. COSMOS, Lisboa, 1942 (cota B.N.L.: COG 5896-P, da 2.ª ed., 1944).

Desta obra existe, pelo menos, uma outra edição, da Tip. Matemática, Lda., prefaciado pela Senhora Dr.ª D. Cândida Caraça.

Problemas contemporâneos

- 5 — «A Cultura integral do indivíduo, problema central do nosso tempo», conferência proferida em 25 de Maio de 1933, na «União Cultural Mocidade Livre»; 1.ª ed., Lisboa, 1933 (cota B.N.L.: CG 3673-P; 2.ª ed., 1939, cota B.N.L.: SA 22989-1.º P; 3.ª ed., 1941, cota B.N.L.: HG 26348-11-P).

Inicialmente, foi publicado no n.º 348 da «Seara Nova», páginas 181/9, 1933.

- 6 — «A Arte e a cultura popular», conferência proferida em 1936 na Universidade Popular Portuguesa.

Encontra-se incluída no livro de D. Emma Romero Santos Fonseca da Câmara Reys, «Divulgação musical», III vol. (cota B.N.L.: BA-Co-23-V. Foi posteriormente editado em separata.

- 7 — «Algumas reflexões sobre a Arte», conferência pronunciada em Junho de 1943 na abertura duma série de sessões musicais. Foi inicialmente publicada na «Seara Nova», em 1945, n.ºs 941 (págs. 273/6) e 942 (págs. 1/3).

Não encontramos o livro na B. N. L.

- 8 — «Duas defesas», (em colaboração com o Prof. M. Azevedo Gomes) edição dos autores. Não encontrado na B. N. L.

Biografias

- 9 — «A vida e a obra de Evaristo Galois» (conferência proferida no I. S.

C. E. F. a convite da A. Académica, em 31 de Maio de 1932, dia do centenário da morte de Evaristo Galois).

Publicada inicialmente no n.º II, Abril de 1932, da Revista do I. S. C. E. F. «Economia e Finanças».

Não encontramos o livro na B. N. L.

- 10 — «Galileo Galilei, valor científico e valor moral da sua obra», (conferência lida na Universidade Popular Portuguesa em 22 de Junho de 1933), Lisboa, 1933, 1.ª ed.; (cota na B. N. L.: SA 20724-16-P; 2.ª ed., 1940, cota B. N. L.: SA 22989-11-P).

Foi inicialmente publicada na «Seara Nova», n.ºs 353 (páginas 261/5), 354 (pág. 277 a 280), 358 (págs. 341/5) e 360 (págs. 377/81), em 1933.

- 11 — «Rabindranath Tagore» (conferência realizada na Univ. Pop. Portuguesa em 22 de Janeiro de 1939, precedendo uma audição de «Canções de Tagore» da série de concertos organizada por D. Emma R. S. F. da Câmara Reys), Lisboa, 1939 (cota B. N. L.: L-33088-P).

Inicialmente publicada na «Seara Nova», n.ºs 607 (pág. 123), 608 (pág. 147) e 609 (pág. 169).

CONFERÊNCIAS (não publicadas)

- 12 — «As bases fundamentais da Matemática», na Univ. Pop. Portuguesa, em 1931/32.
- 13 — «A Escola Única», na Sociedade de Estudos Pedagógicos, em 1935.
- 14 — «O conceito de infinito, aspectos filosófico e matemático», na Univ. do Porto, em 1942.
- 15 — «Leonardo da Vinci», na Univ. Pop. Portuguesa, em 1943.

PREFÁCIO

- 16 — Ao livro de A. Lobo Vilela «Sobre a didáctica das matemáticas», Cadernos da «Seara Nova», Secção de Estudos Pedagógicos (cotas B. N. L.: SA - 20943-p e SA - 20944-15-P), 1937.

COLABORAÇÃO EM JORNAIS E REVISTAS

Revista do Instituto Superior de Comércio de Lisboa (continuada pela Revista «Economia e Finanças»)

- 17 — Tradução do jornal «The Times» do artigo «Exposição de S. Paulo». No n.º III, Outubro 1919, páginas 267/270.

Creemos tratar-se duma das primeiras actividades literárias de B. J. Caraça, que, a partir do n.º XV,

Out. 1926, figura como secretário da Revista.

- 18 — «Nota. — Sobre a intervenção do primeiro princípio de substituição de infinitésimos no estabelecimento de algumas fórmulas fundamentais do Cálculo Diferencial». — N.º XX, Março 1929, págs. 187/196.

- 19 — «Sobre a aplicação de um grupo de fórmulas do Cálculo de Probabilidades na teoria dos seguros de vida» — trabalho publicado no n.º XXIII, Abril 1930, págs. 224/244.

— «Interpolação e integração numérica» — trabalho publicado em vários capítulos pelos n.ºs XXIV, Junho 1930 (págs. 469/486) e XXV Outubro de 1930 (págs. 91/11) da Rev. do I. S. Comércio e continuado na Revista «Economia e Finanças», n.ºs II, Abril de 1932 (págs. 99 a 114), III, Out. 1932 (págs. 41 a 49) e IV, Abril 1933 (págs. 83 a 184).

Mais tarde, como já referimos (n.º 1) foi publicado em livro, em 1933.

— «A Vida e a obra de Evaristo Galois» — N.º II, Abril 1932.

EDUCAÇÃO E ENSINO

por

Rui Grácio

Preço 45\$00

Pedidos a

Livros Horizonte

Rua da Madalena, 211-3.º

Telefone 36 69 17

L I S B O A 2

Como já indicámos (n.º 9), foi publicada em livro.

Cotas na B. N. L.: da Rev. I. S. C., J-2315-B; da rev. «Economia e Finanças», J-2361-B (1931/3).

Revista «TÉCNICA»

20 — «Primeira lição de um curso de álgebra superior». N.º 47, Dezembro 1932, págs. 533 e 541.

Existe separata. Não a encontramos na B. N. L.

Cota da Revista na B. N. L.: J-2729-B.

«LIBERDADE» (semanário republicano)

21 — «A luta contra a guerra». — N.º 181/182 de 11 de Novembro 1932, pág. 1.

22 — «O único remédio». — N.º 206/207, de 28 de Maio de 1933, pág. 5.

Cota do jornal na B. N. L.: J-3952-G.

«GLOBO»

23 — «Cadernos Racionalistas» — N.º 1, de 11 Novembro 1933, pág. 3, na secção Livros e Revistas.

Trata-se de um pequeno artigo de B. J. Caraça, de apreciação crítica à revista da «União Racionalista», fundada em França em princípios de 1930 por um grupo de homens de ciência franceses.

GLOBO foi um jornal quinzenal fundado e dirigido por B. J. Caraça e José Rod. Miguéis, em Novembro de 1933.

Não encontramos qualquer outra colaboração assinada por B. J. C. nos 2 únicos exemplares (n.º 1 e 2) do jornal existentes na B. N. L.

Cota na B. N. L.: J-24308-M.

«O DIABO» (semanário)

24 — «Sobre o livro do Dr. Carrel. *O Homem esse Desconhecido*». — N.º 90, pág. 5, de 15 de Março de 1936.

25 — «Um dobre a finados». — N.º 105, pág. 4, de 28 de Junho 1936. Trata-se de uma apreciação crítica ao livro de Henri Decugis «O destino das Raças Brancas».

26 — «A evolução da Física — de Albert Einstein e Leopold Infeld». — N.º 223, págs. 1 e 4, de 31 de Dezembro de 1938. Constitui uma apreciação crítica bastante desenvolvida.

27 — Apreciação crítica, sem título, na secção «Livros», à obra de Magalhães Vilhena «História breve de uma ideia». N.º 293, pág. 2, de 4 de Maio de 1940.

— «Abel e Galois». — N.º 297, pág. 3, de 1 de Junho de 1940.

É uma transcrição do artigo com este título publicado na «Gazeta de Matemática».

28 — «Humanismo e Humanidades» — N.º 301, pág. 8, de 2 de Junho 1940. Artigo dedicado a J. R. M. (cremos ser José Rodrigues Miguéis).

Cota de «O DIABO» na B. N. L.: J-4086-M.

«GAZETA DE MATEMÁTICA»

29 — «Abel e Galois». — N.º 2, Abril 1940.

30 — «Ao leitor». — N.º 5, Janeiro de 1941.

31 — «O cinema no ensino». — N.º 10, Abril 1942.

32 — «Galileo e Newton». — N.º 11, Julho 1942;

33 — «Nota» (Pedagogia). — N.º 11, Julho 1942.

34 — «Resposta às considerações anteriores». — N.º 12, Outubro 1942.

35 — «Algumas reflexões sobre os exames de aptidão». — N.º 17, Novembro 1943.

36 — «Nota» (Pedagogia). — N.º 19, Maio 1944.

37 — «O Número π ». N.º 22, Março de 1944.

38 — «Em guisa da continuação dum debate» (Pedagogia). N.º 23, Fevereiro 1945.

Cota da revista na B. N. L.: J-15328-B.

«SEARA NOVA»

39 — «Crítica científica» — ciências físico-matemáticas». — N.º 463, 2 de Janeiro 1936, pág. 101.

Anunciava-se neste artigo a criação, com ele, duma secção de divulgação científica. Não encontramos outros artigos.

— «Sobre o livro do Dr. Carrel. *O Homem esse Desconhecido*». — N.º 706, 1941, pág. 167 a 170.

Este artigo fora, anteriormente, publicado em «O DIABO».

40 — «Romain Rolland». — N.º 924, Abil 1945.

É uma bela evocação do escritor francês, logo após a sua morte.

— Outros trabalhos de B. J. Caraça (os referidos nesta bibliografia com os n.ºs 5, 7, 10 e 11), foram publicados pela primeira vez na «Seara Nova».

Cota da «Seara Nova» na B. N. L.: J-2560-B.

«REPÚBLICA»

41 — Entrevista ao jornal e publicada em 13 Outubro 1945, n.º 5372, página 8.

42 — «Carta aberta». — N.º 5388, 29 Outubro 1945, pág. 4.

43 — Resposta a uma entrevista. — N.º 5406, 16 Novembro, págs. 1 e 4.

44 — «Uma carta do Prof. B. J. Caraça». N.º 5409, 19 Novembro, pág. 5. Cota da «República» na B. N. L.: J-1552-G.

«VÉRTICE»

45 — «Resposta a uma crítica».

Insere na secção «Ciência e filosofia», fasc. n.º 5, n.ºs 22 a 26, páginas 35 a 44, em Fevereiro de 1946; trata-se de um artigo de resposta a uma crítica de António Sérgio a ideias expostas por B. J. Caraça no II vol. dos «Conceitos fundamentais de matemática», crítica intitulada: «Nota a um passo de uma introdução a Berkeley», e publicada por A. Sérgio no «Vértice», fasc. n.ºs 17 a 21, págs. 42 a 48, em Novembro 1945.

46 — «Cartas a António Sérgio — crítico».

Insere no II vol., fasc. 7, secção «Ciência e Técnica», págs. 126 a 143, Maio de 1946, constitui a continuidade da polémica, sendo resposta ao artigo de A. Sérgio «Réplica sem severidade a um severo amigo», artigos publicado no «Vértice», vol. II, fasc. 6, páginas 42 a 61.

Cota de «Vértice» na B. N. L.: J-5354-B.

«REVISTA DE ECONOMIA»

47 — «Sobre o espaço de capitalização». Vol. I, fasc. 1, pág. 3, Lisboa, 1948.

Publicado em separata, não encontrada na B. N. L.

Cota da revista na B. N. L.: J-5420-B.

(compilação de Alberto Pedroso)

CADERNOS D. QUIXOTE

GUERRA OU PAZ?

20\$00

Textos de Paulo VI, Linus Pauling, René Maheu, Vadim Ardatovski e outros
Assine esta colecção

A REVOLTA DOS NEGROS AMERICANOS

20\$00

Textos de James Baldwin, Andrew Kopkind e Tom Hayden
Assine esta colecção

O CONFLITO ISRAELO-ÁRABE

20\$00

Textos de Bernard Féron, G. Chaffard, P. Decraene e outros
Assine esta colecção

Comunique-nos o seu nome e endereço, num postal ou pelo telefone, para passar a receber as nossas informações

PUBLICAÇÕES
DOM QUIXOTE

R. DA MISERICÓRDIA, 117-2.º
Telef. 36 80 65 - 3 47 61 — LISBOA

PUBLICAÇÕES
DOM QUIXOTE